

RESUMO DA AULA PERSONAGEM

Uma PERSONAGEM é uma FORÇA dentro da HISTÓRIA. Mas o que se pode entender por FORÇA? Força física? Força psíquica? Força de vontade? Não, embora também possa ser tudo isso. Mas antes de ser uma FORÇA PARCIAL, uma PERSONAGEM é uma FORÇA DE CARÁCTER. O fim para que tende sua DECISÃO – ou mesmo o fim PREFERIDO ou EVITADO – revela sua FORÇA.

Podemos pensar que uma PERSONAGEM TRÁGICA, como Édipo, por exemplo, tende seu fim para uma AÇÃO com uma ELEVADA FINALIDADE MORAL: acabar com o sofrimento do povo de Tebas, acabando com a PESTE. Já nas PERSONAGENS CÔMICAS, não se pode dizer o mesmo: O FIM para o qual tende suas AÇÕES, baseadas em seu traço egoísta ou egocêntrico de CARÁCTER, nos dá uma idéia sobre sua falta de Moralidade. Pensemos nas personagens de MOLIÈRE, dotadas de infalíveis quantidades FIXAS de desejos primários ou vícios irremediáveis.

Daí dizermos que as PERSONAGENS TRÁGICAS vivem uma experiência de *rebaixamento* MORAL numa peça. Quem afirmaria que OTELO é um CIUMENTO INVETERADO? Não é mais condizente dizer que ele passa por uma terrível experiência de CIÚME? Sua FORÇA DE CARÁCTER nos revelará como ele enfrentará o teste. Já o TARTUFO, de Molière, é mesmo um cínico e hipócrita, um “adjetivo”, por assim dizer, do começo ao fim da peça (ou de sua vida, se formos mais pessimistas). Será que é à toa que os títulos das peças de Molière costumam nomear o defeito de cada protagonista e não os seus nomes, como nas tragédias gregas?

Em *A experiência viva do teatro*, de Eric Bentley, encontramos mais uma vez, no capítulo PERSONAGEM as definições para personagens CHATAS e OBLONGAS. As personagens cômicas seriam as CHATAS ou PLANAS (sem a capacidade de MUDAR – para MELHOR, claro –, faça chuva ou faça sol). Já as OBLONGAS ou REDONDAS aprendem com as vicissitudes e são exemplares a ponto de dar a vida (literalmente) para se punirem pelo erro cometido, assim como para ensinar – e exortar a não cometerem as mesmas falhas de SOBERBA e ORGULHO CEGO – os que aí estão e os que virão. Pensemos no pobre REI LEAR.

Para refletir: Do filósofo francês Henri Berson, citado por Eric Bentley em *A experiência viva do teatro* (Zahar Editores), no Capítulo PERSONAGEM: “O QUE NOS INTERESSA NA OBRA DE UM POETA É O VISLUMBRE QUE OBTEMOS DE ESTADOS DE ESPÍRITO PROFUNDOS E DE LUTAS ÍNTIMAS”.

Para saber mais, leia:

- *Writing a play*, de Steve Gooch – A & C Black Publishers Limited. Capítulo 7 (Shaping Up).

- *O homem e seus símbolos*. Concepção e Organização de Carl. G. Jung – Ed. Nova Fronteira. Capítulo 2 (sobre o Ciclo Heróico dos Winnebagos, de Paul Radin, em 1948).
